



desminotauro

espetáculo de teatro-dança

com **Fabiola Karnas & Fransérgio Araújo**

direção de movimento **Emilie Sugai**

direção **Fabio Mazzoni**

a reinvenção do masculino

Julio Cortázar escreveu *Os Reis* (*Los Reyes*, 1949), sua primeira publicação, quando morava num bairro suburbano da capital Argentina. A caminho de sua casa, voltando do trabalho, Cortázar teve uma visão.

“(...) *Os Reis* é um caso muito estranho, esse livrinho, que foi classificado como um poema dramático ou algo assim. A idéia do livro nasceu em uma van, onde nos colocavam como sardinhas, 15 pessoas (...). Voltando para minha casa, que ficava muito longe do centro, um dia, subitamente, senti toda a presença de algo que resultou ser pura mitologia grega, Por isso creio que devo dar razão à Jung e a toda sua teoria dos arquétipos, no sentido de que tudo está em nós, que há uma espécie de memória dos nossos antepassados (...). Pois bem, nessa van, que nada tinha de grego, saiu assim a noção do labirinto e do mito de Teseu e o Minotauro. Mas acontece que eu vi tudo ao revés. E foi o que me interessou. Cheguei em casa, comecei a escrever e creio que em dois ou três dias estava feito. Existe a versão oficial desse mito: Teseu é o herói que entra no labirinto - guiado pelo fio de Ariadne, para poder voltar e sair - e que procura por esse mostro espantoso que é o Minotauro, que devora jovens reféns. E então Teseu o mata e sai como grande herói. Mas eu vi isso totalmente ao revés. Eu vi no Minotauro o poeta, o homem livre, o homem diferente e que, portanto, é imediatamente excluído pela sociedade e pelo sistema, que as vezes o encarcera em clínicas psiquiátricas, as vezes em labirintos. E Teseu, ao contrário, é o perfeito defensor da ordem, que entra no labirinto para fazer a vontade de Minos, o Rei. Teseu é um pouco o gângster do rei, que vai matar um poeta. E, efetivamente, nesse meu poema (*Os Reis*), quando se conhece o segredo do Minotauro, é que ele não havia comido ninguém. O Minotauro é um ser inocente, que vive com essas pessoas, que dança, joga e brinca com elas. E eles são todos felizes dentro do labirinto. Mas eis que chega esse jovem, Teseu, que tem procedimentos de um perfeito facista, e executa o Minotauro imediatamente,” (trecho de entrevista com Julio Cortázar)

Cortázar nos apresentou não a figura de um monstro forte, masculinizado, vencedor, devorador de almas, temido pela maioria e untado com o pathos patriarcal da violência e da masculinidade delirante. Ao contrário, mostrou um Minotauro desconstruído em sua virilidade tóxica e moralizadora. É nesse lugar que se estabelece nosso contato com a visão do escritor argentino. Parece-nos vital e pungente direcionar luz a esse tema, que poderíamos eventualmente chamar de reinvenção do masculino.



MAN RAY (Minotaur - 1933)

Man Ray (EUA), (Minotaur, 1933)

do niilismo ao zeitgeist

Ao expor a vulnerabilidade e a tragicidade da vida e da morte do Minotauro, esbarramos invariavelmente em outro tema que retém nossa atenção: a precariedade do homem e do ser humano. Este ser híbrido, bestial, meio homem meio animal, surge-nos como um grande pedaço de carne, sangrado pelo tempo e maculado por seu próprio destino trágico. E aqui se encaixaria muito bem a sabedoria de Sileno. Reza a lenda que o Rei Midas encontrou Sileno, companheiro e tutor de Dionísio, em seu jardim. Midas, faminto por conhecimento, interrogou o sátiro sobre qual seria a melhor coisa para os homens. Após certa relutância, Sileno revelou sua terrível sabedoria:

“(...) o melhor seria, para o homem, não ter nascido. Como isso é impossível para quem já nasceu, a melhor opção seria morrer o quanto antes, retornando à sua condição de nada ser.”

Contudo, acreditamos que hoje é premente desconstruir o homem e toda a sua masculinidade tóxica e que cabe a nós, artistas provocadores, a importante missão de implodir tal mitologia. Não há mais espaço para versões do Minotauro que enfatizem a força, a coragem, o poder de destruição, a crueldade, a geração de medos e traumas por meio do terror e da violência, a exaltação à guerra e o culto do poder dominador patriarcal.

Bahman Mohassess (Iran), Minotauro Morente (1966)



questões e proposições

Que importância teria hoje a série de imagens do Minotauro feita por Picasso, na década de 30, quando o monstro era tema recorrente ao pintor e simbolizava aspectos da sua própria psique, como a dualidade, a agressividade e a sexualidade?

Qual seria, atualmente, a relevância do Minotauro retratado por Monteiro Lobato, em 1939, utilizado na educação de crianças e jovens através do medo e da reparação moral com sua horrenda figura do mostro bicorneado?

Vivemos um momento no qual as identidades emergem de forma radical, exigindo reparações históricas. Como Cortázar, queremos abraçar esse monstro vil numa tentativa de realinhar sua simbologia de machidão e valentia. O presente trabalho propõe expor o grande e poderoso Minotauro como um desafortunado touro vencido que dança sua própria tragédia, errando pelas galerias de seu labirinto. Nosso Minotauro é um poeta mal nascido, desenganado e esquecido pelo mundo: um bode expiatório de uma sociedade que segue fazendo seus sacrifícios.

É indispensável converter esse paradigma e propor nova roupagem ao mito. Talvez vislumbre-se um novo sentido para a masculinidade e seus ímpetos destruidores. Nosso desejo artístico e estético é desnudar esse mito clássico e apresentar um novo velho Minotauro, falível e desintegrado. Um monstro doce. Transmutado. Desminotaurizado.

Michael Ayrton (Inglaterra),
Minotaur Consecrated (1971)

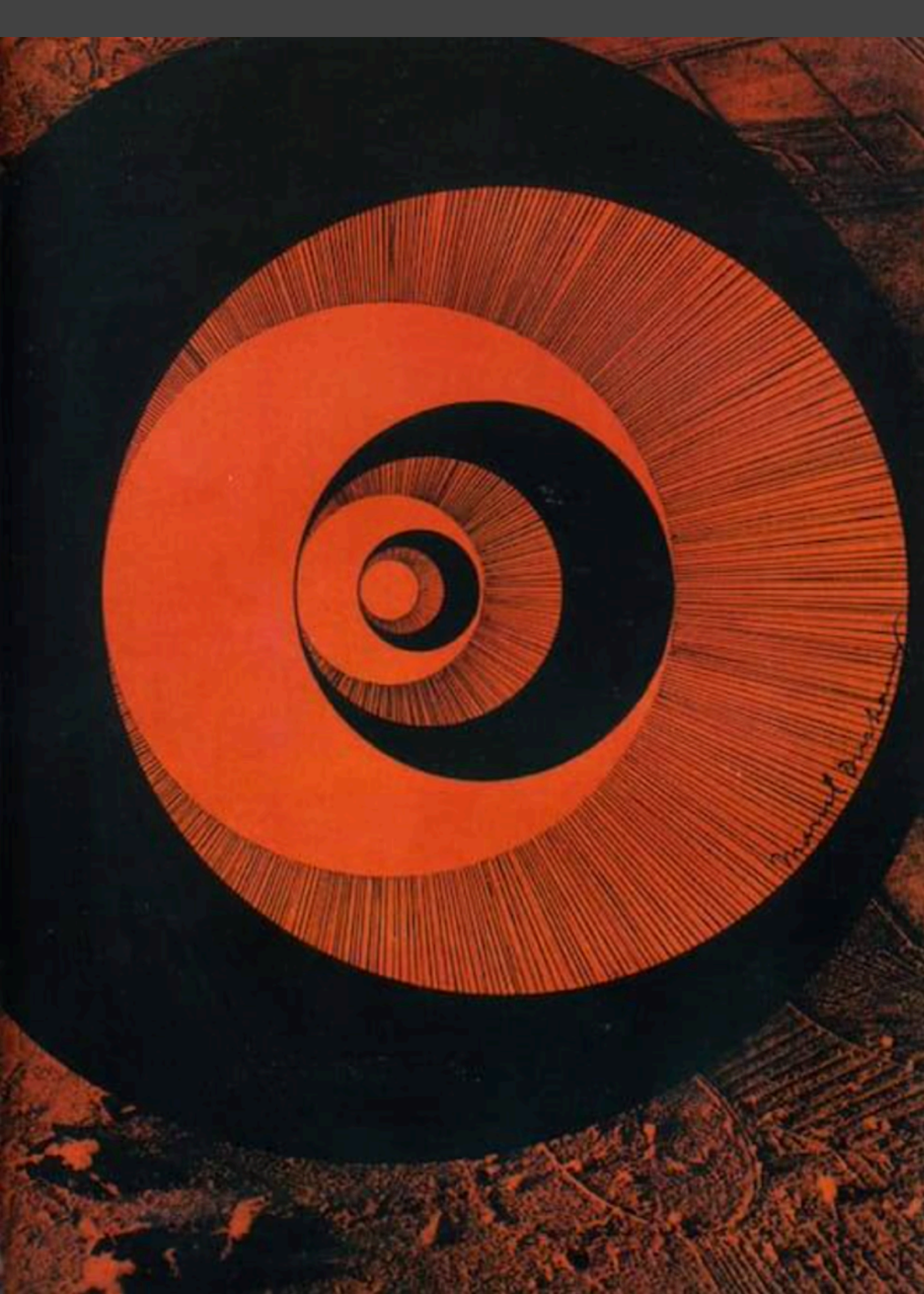


o Surrealismo liberta o Minotauro

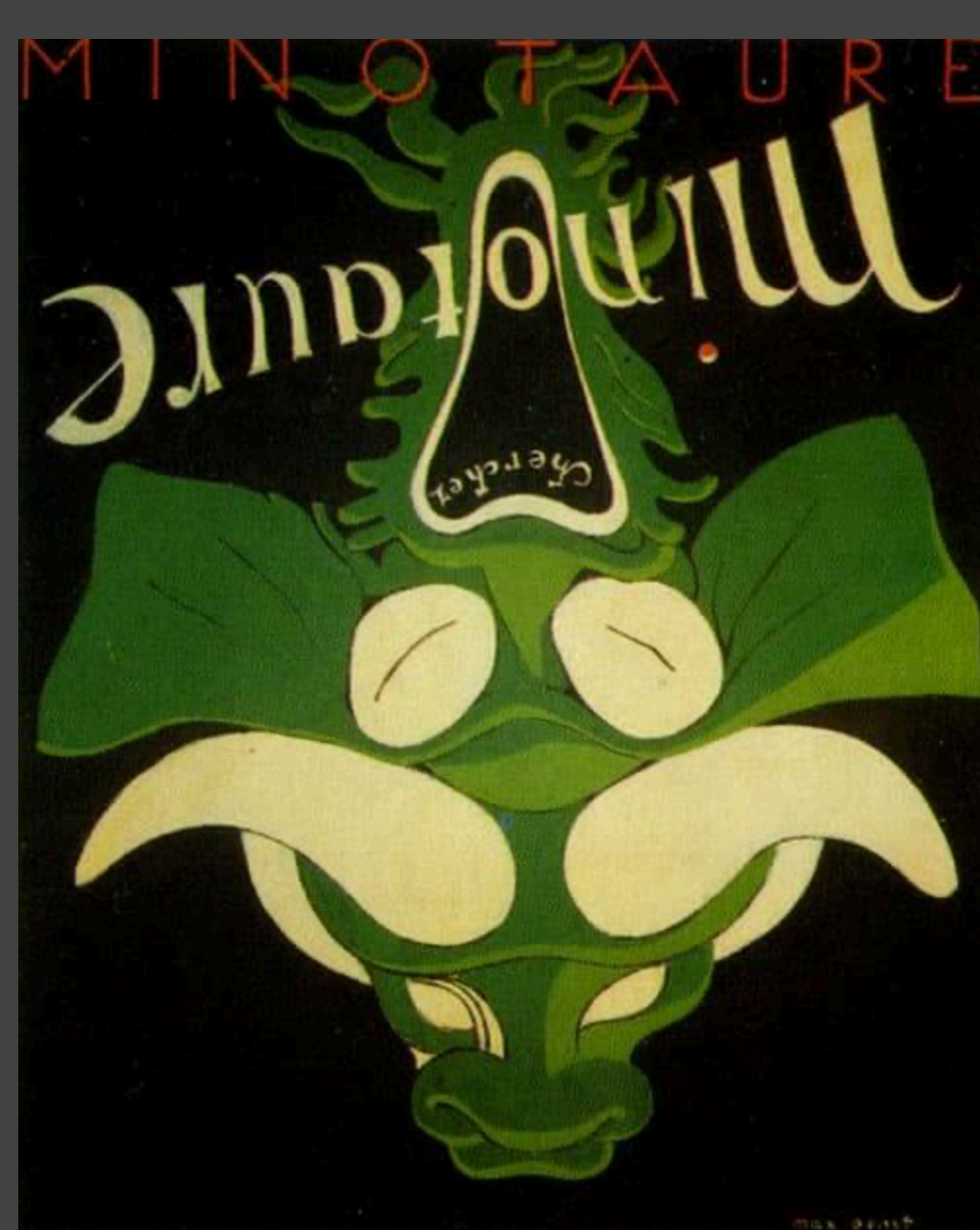
O movimento surrealista, que surgiu nos anos 20, explorava o subconsciente e o mundo dos sonhos, desafiando as convenções da realidade e da arte. Para alguns surrealistas o Minotauro representava a fusão entre o racional e o irracional, o consciente e o inconsciente, temas centrais do movimento.

A revista *Minotaure*, publicada em Paris entre 1933 e 1939, foi um magazine surrealista fundado por Albert Skira com os editores André Breton e Pierre Mabille. Antes de servir como editor da revista *Minotaure*, Breton prestou seu apoio publicando um anúncio de página inteira que divulgava a primeira edição de *Minotaure* na edição final do *Le Surréalisme au service de la révolution*.

Embora não exclusivamente surrealista em sua orientação, *Minotaure* era fiel ao espírito surrealista. O apelo do periódico para o público de arte convencional gerou maior reconhecimento ao movimento, especialmente com seus artigos sobre arquitetura, não comumente encontrados em outras publicações surrealistas. O objetivo da revista era introduzir o Surrealismo a uma nova geração de teóricos e artistas. Entretanto, com o início da Segunda Guerra Mundial na Europa, Skira cessou a publicação em 1939.



Duchamp



Max Ernst



Magritte



Dalí

A revista *Minotaure* incluía contribuições de artistas, escritores, filósofos, críticos e psicanalistas, e deveria ser vista como um trabalho coletivo. Entre os colaboradores estavam Paul Éluard, Salvador Dalí, Jacques Lacan, Georges Bataille e Kurt Weill. As capas incluíam obras de arte de Picasso, Dalí, Duchamp, Gaston-Louis Roux, André Derain, Francisco Borés, Miró, Matisse, Magritte, Max Ernst, André Masson e Diego Rivera.

O mito do Minotauro era uma representação da complexidade e da ambiguidade da experiência humana. A criatura mitológica, que é ao mesmo tempo humana e animal, representava a tensão entre a razão e a instintividade, a civilização e a natureza selvagem. Essas dicotomias eram centrais no Surrealismo.



Michael Ayrton (Inglaterra),
Minotaur Embryo (1971)

trecho da cena Teseu x Minotauro (falada em latim)

MINOTAURUS

- Mortuus ero. Te ipsum imminues, in te ipsum cades velut rupes corruunt.

THESEUS

- Saltem te silentium cogam!

MINOTAURUS

- Quid de morte scis? Ecce, una tantum via est ad monstra necanda. Accipe eos.

THESEUS

- Memoria tantum eris quae cum primo sole occasu morietur.

MINOTAURUS

- Ariadnam ante te attingam. Cum ultimum a carne separatum erit, et figura mea in oblivionem versa erit, vere in regnum meum innumerabile nascebor. Ibi habitabo in aeternum, velut frater absens et magnificus. O diaphana aeris sedes! Mare angulorum! Arbor susurrans!

THESEUS

- Relinque caput tuum, erit facillimum.

MINOTAURUS

- Ah! Quam graviter vulneratus es.

THESEUS

- Tace! Silentium morere! Heroes verba oderunt.

MINOTAURUS

- Praeter eos qui carmen in eius laudem canunt.

tradução

MINOTAURO

- Morto serei mais eu. Tu te diminuirás, irás cair sobre ti mesmo como os despenhadeiros vão desmoronando.

TESEU

- Pelo menos te farei calar!

MINOTAURO

- O que tu sabes sobre a morte? Olha, só há um meio de matar os monstros. Aceitá-los.

TESEU

- Serás apenas uma lembrança que morrerá com o cair do primeiro sol.

MINOTAURO

- Chegarei a Ariadne antes que tu. Quando o último osso tiver se separado da carne, nascerei de verdade em meu reino incontável. Lá habitarei para sempre, como um irmão ausente e magnífico. Ó residência diáfana do ar! Mar dos cantos! Árvore de murmúrio!

TESEU

- Deixa tua cabeça quieta, será mais simples.

MINOTAURO

- Ah! Como feriste grosseiramente.

TESEU

- Cala-te! Morre calado! Os heróis odeiam as palavras.

MINOTAURO

- A não ser as do canto em seu louvor.

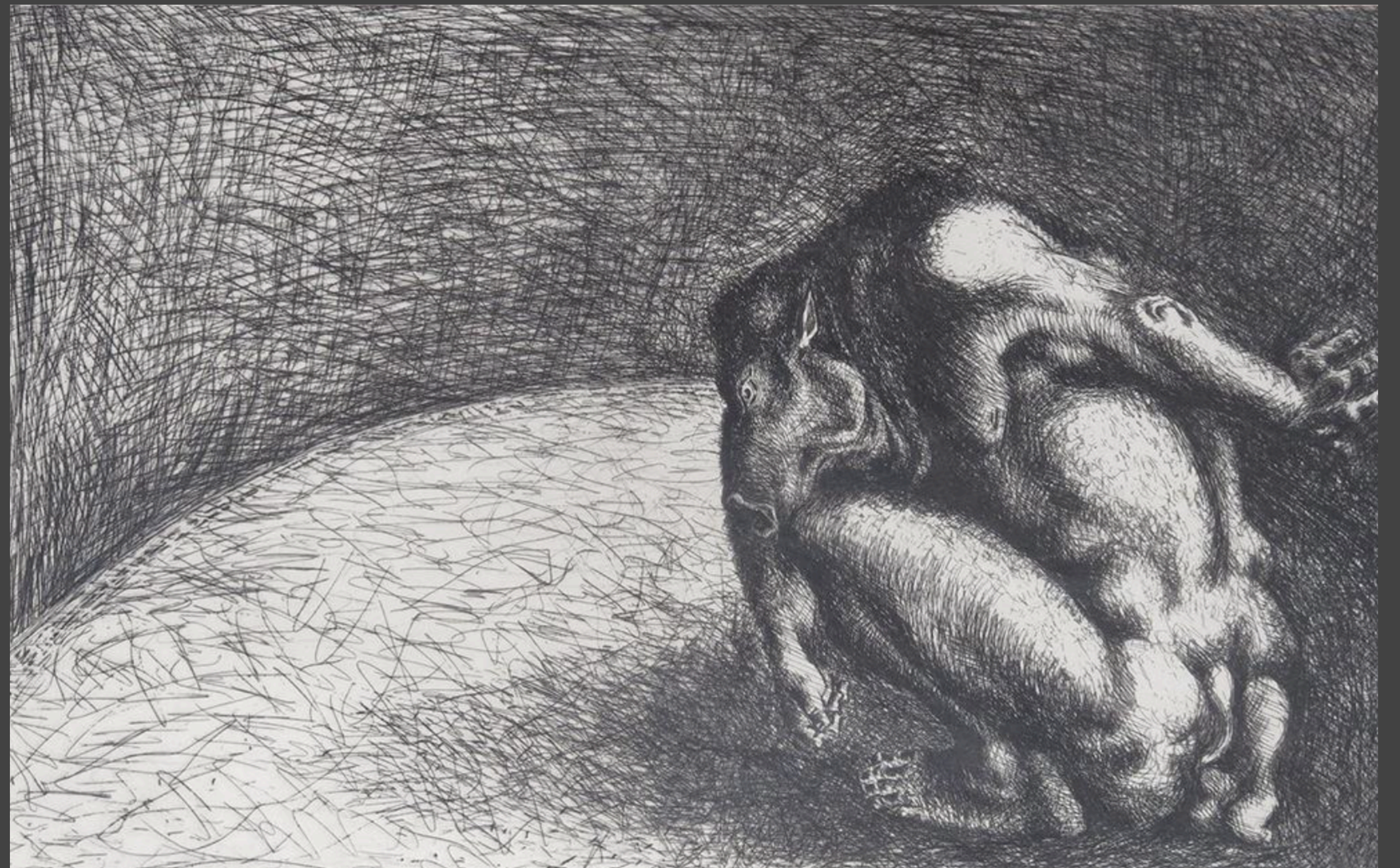
trecho da cena 5 - monstro doce

MINOTAURO

-Como sinto falta do sol nos pátios do palácio. E a água! Tenho tanta saudade da água. Era a única que aceitava o beijo dos meus lábios. Mas a minha mãe... Muuuuuuuuuuuuuuuú, muuuuuuuuuuuuuú...

-Olha como aqui é seco. Como é branco e duro. Um cantar de estátua. Aqui eu sou espécie e indivíduo, sem nenhuma monstruosidade. Só volto à dupla condição animal quando vocês me olham.

-A sós sou um ser de traçado harmonioso.



Michael Ayrton (Inglaterra), Minotaur as Yearling (1971)

sinopse

A obra cênica *desminotauro* é uma releitura poética do mito grego, baseada no poema dramático *Os Reis (Los Reyes)*, do escritor argentino Júlio Cortázar, que propõe uma reflexão vertical sobre o homem, a masculinidade e precariedade humana.

A linguagem da peça é uma fusão entre teatro, dança e performance, a serviço do fenômeno poético e do processo de ressignificação de mitos fundadores.

desminotauro oferece ao público uma experiência estética profunda, que estimula o debate crítico sobre temas universais, como identidade, exclusão e violência.



Bahman Mohassess (Iran), sem título

ficha técnica

Intérpretes: **Fabíola Karnas e Fransérgio Araújo e Guilherme Marin**

Direção de Movimento: **Emilie Sugai**

Direção e Iluminação: **Fabio Mazzoni**

Figurinos e Adereços: **Fabíola Karnas , Fransérgio Araújo e Acervo do Núcleo Tabi**

Sonoplastia: **Fabio Mazzoni**

Assistência de Direção e Cenotecnia: **Guilherme Marin**

Assistência de Produção e Mídias Digitais: **Diego Brito**

Fotos: **Cristiano Barbosa**

Produção: **ABX Produções e Fransérgio Araújo**

Duração: 60min

Classificação Indicativa: 14 anos

Gênero: Teatro-Dança

Instagram: @minotauro.teatrodanca

rider técnico

palco

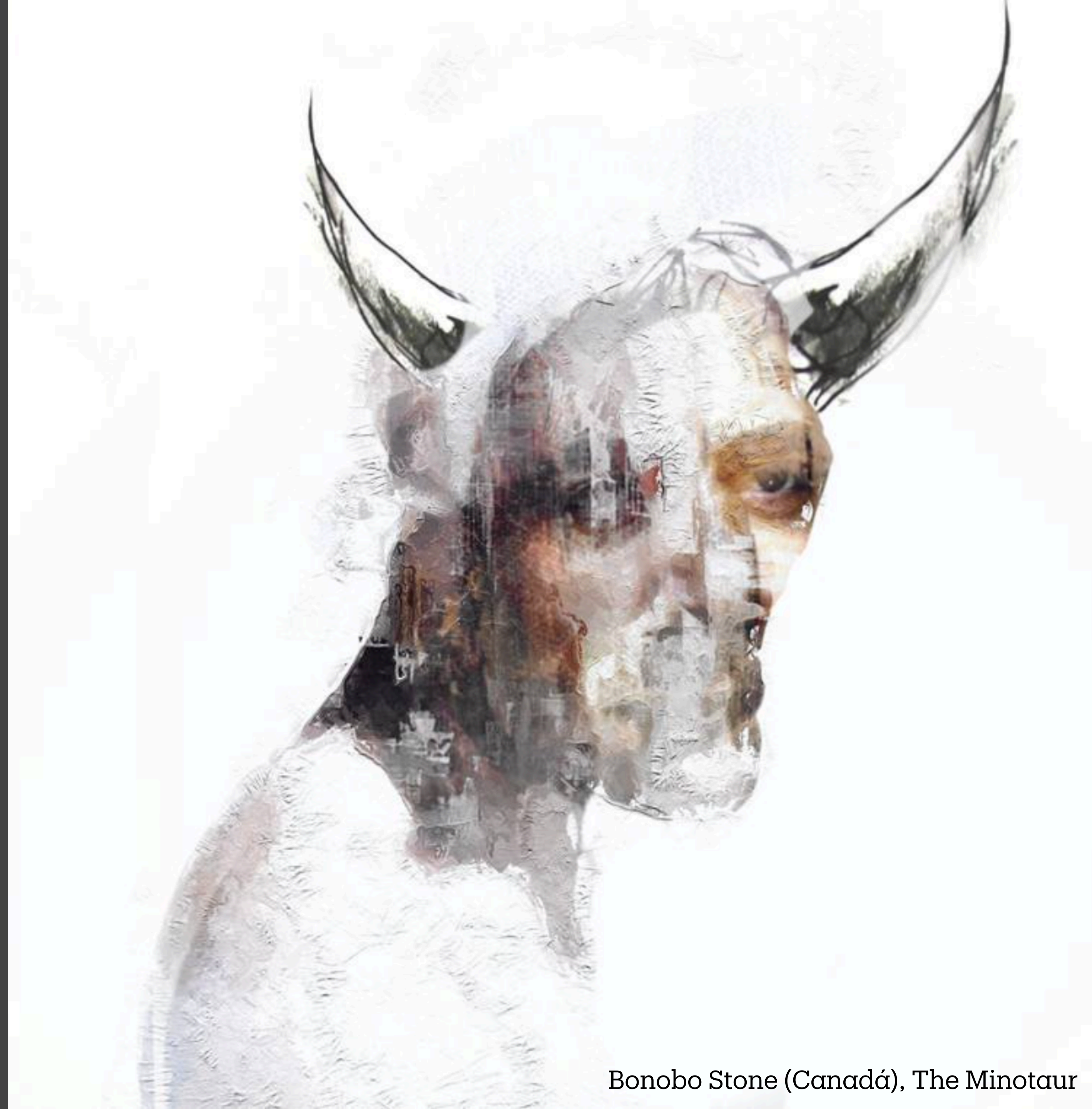
- Espaço mínimo: 10m x 10m
- Piso plano com linóleo preto fosco
- Sala com possibilidade de blackout total

rider de luz

- 08 Elipsos
- 02 Panelões (produção do espetáculo)
- 01 Neon (produção do espetáculo)

roteiro do espetáculo

- Cena 1 - Prólogo
- Cena 2 - ElectroEspectômetro
- Cena 3 - Ariadne
- Cena 4 - A Dança do Minotauro
- Cena 5 - Praça Roosevelt
- Cena 6 - O Monstro Doce
- Cena 7 - Teseu X Minotauro
- Cena 8 - Ariadne retira Minotauro do labirinto
- Cena 9 - Epílogo



Bonobo Stone (Canadá), The Minotaur

MINOTAURO TRÁS O TEATRO-RITUAL DE VOLTA (por Dioniso Neto, em 19 de maio de 2025)

Quando vi Fransérgio Araújo em *O maldito*, em um pequeno teatro na Rua Augusta, contracenando com Marba Goicochea, eu fiquei em estado de choque. O ator começara a desenvolver um método próprio – o Teatro Selvagem, que segundo ele “uma metamorfose, um mergulho no inconsciente, trazer à tona sua sombra, seus bichos, sua maldade, via seu animal de poder, para justamente você destruir a hipocrisia de sua morada interna e banir a ideia de impossibilidade e encontrar sua energia primal, essencial em você e de você para você.” A escolha certa da dramaturgia de Lautreamont, um dos autores preferidos de Kazuo Ohno e meu também, casou perfeitamente com suas propostas de imersão da platéia no inconsciente coletivo. Ontem, na plateia da Galeria Olido, no centro de São Paulo, seu método explodiu e causou uma catarse como há muito eu não via no teatro. Talvez somente com Marilena Ansaldi em *Hamlet Machine* de Heiner Müller. Eu vi arte no palco e mergulhei nos oceanos do labirinto do meu inconsciente, fui devorado e saí transformado. Um dos super poderes da arte – transformar!

O espetáculo é inspirado no imaginário do próprio mito do ser parte homem parte touro. Estão ali o fio de Ariadne, e ela em si, vivida pela atriz Fabíola Karnas. Com o subtítulo de “A dança trágica do touro vencido” – o espetáculo pós-moderno mistura o teatro selvagem com butô, cultura pop (na humanização do personagem que aparece como um frequentador da Praça Roosevelt) e com Antonin Artaud e seu teatro da crueldade, trazendo o rito de volta ao teatro. Eu quase não pisquei os olhos, fascinado com a verdade do que ali dançava frente aos meus olhos, fazendo-me projetar imagens ancestrais do meu imaginário do meu próprio inconsciente. E como um espelho, me vi na pele do bicho-homem. Meus instintos, minha razão, afloraram e dançaram a tragédia da sociedade que tenta mascarar sua natureza com as canastrices sociais da hipocrisia. Artaud arrancou nossas máscaras e ficamos nus.

Uma das inspirações do espetáculo que ainda é um work in progress, são os contos dos argentinos Jorge Luis Borges e Julio Cortazar, com toda a sua gama de realismo fantástico, presente do começo ao fim. “O fato é que sou único”, diz Borges. Único, original é a pesquisa de Fransérgio, que cria um teatro com seu imaginário, códigos, leis, um teatro que se aprofundará e crescerá ainda mais com sua continuidade.

Ele encontrou em Fabio Mazzoni o diretor ideal. A dilatação do tempo, a iluminação barroca, que remete a Caravaggio e Rembrandt, a trilha hipnótica e a condução do ritual viraram mágica nas mãos do diretor. Lembro que Walter Salles um dia disse na exibição da cópia restaurada de *Limite* de Mário Peixoto, que o diretor queria no final que as pessoas ficassem ainda tomadas pelas sensações do seu filme e que saíssem devagar da sala. É o que aconteceu com todos nós ali. Não queríamos ir embora. Sentimos a força e a verdade do teatro na pele e na alma.

“Como será meu redentor? – me pergunto. Será um touro, ou um homem? Ou será como eu?” Em uma temporada de peças falsas, onde atores cospem palavras sem imagem, Minotauro nos faz saborear cada segundo, sem pressa, e nos leva a uma inesquecível experiência que só a ancestralidade pode proporcionar. Evoé!

Click no link abaixo para
acessar o material do
espetáculo:

[https://
teatroselvagem.com.br/
category/minotauro/](https://teatroselvagem.com.br/category/minotauro/)



Michael Ayrton (Inglaterra),
Minotaur as a Calf (1971)

abx produções

famazoni@me.com

fransergiomineiro@gmail.com

11.999400820 - Fabio Mazzoni

11.964212193 - Fransérgio Araújo

